

Mediação de conflitos na escola

MODELOS, ESTRATÉGIAS E PRÁTICAS

MARIA CARME BOQUÉ TORREMORELL



Do original em língua espanhola
LA MEDIACIÓN VA A LA ESCUELA
Hacia un buen plan de convivencia en el centro
Copyright © 2018 by Narcea S. A. de Ediciones
Direitos desta tradução adquiridos por Summus Editorial Ltda.

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**
Assistente editorial: **Michelle Campos**
Tradução: **Carlos S. Mendes Rosa**
Capa: **Studio DelRey**
Projeto gráfico e diagramação: **Crayon Editorial**

Summus Editorial

Departamento editorial
Rua Itapicuru, 613 – 7º andar
05006-000 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3872-3322
<http://www.summus.com.br>
e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor
Summus Editorial
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado
Fone: (11) 3873-8638
e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Sumário

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA	7
APRESENTAÇÃO	11
PARTE I. A MEDIAÇÃO COMO PROCESSO DE GESTÃO PACÍFICA DE CONFLITOS	15
1 ORIGENS E PROPAGAÇÃO	17
2 DEFINIÇÃO E CARACTERÍSTICAS	21
3 MODELOS PRINCIPAIS E ÂMBITOS DE APLICAÇÃO	31
4 DESENVOLVIMENTO PASSO A PASSO DO PROCESSO DE MEDIAÇÃO ...	36
5 PAPEL E PERFIL DO MEDIADOR	49
PARTE II. A PRÁTICA DA MEDIAÇÃO ESCOLAR E O PLANO DE CONVIVÊNCIA	57
6 O CLIMA DE CONVIVÊNCIA	59
7 APOSTA NA CONVIVÊNCIA PACÍFICA	64
8 USO DA MEDIAÇÃO NA ESCOLA	70
9 PROGRAMAS DE MEDIAÇÃO ESCOLAR	79
10 ESTRATÉGIAS DE MEDIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL E NOS ENSINOS FUNDAMENTAL E MÉDIO	94
11 A INCORPORAÇÃO DA MEDIAÇÃO AO PLANO DE CONVIVÊNCIA ...	113

PARTE III. O APRENDIZ DE MEDIADOR	121
12 PLANO DE FORMAÇÃO	123
13 ATIVIDADES DE APRENDIZAGEM E PRÁTICA	131
14 AVALIAÇÃO, MANUTENÇÃO E EXPANSÃO	165
BIBLIOGRAFIA	173
LINKS ÚTEIS	175

Prefácio à edição brasileira

NÃO CONHEÇO MARIA CARME Boqué Torremorell, autora desta obra, de forma que, tendo gostado e aprendido muito com a leitura, nasceu em mim a vontade de lhe dedicar uma carta-prefácio. Uma escrita afetuosa entre duas mulheres, facilitadoras de processos restaurativos, educadoras e, acima de tudo, desejosas de relações mais respeitosas e solidárias em um país profundamente desigual e violento.

Há pouco tempo, reli *Educação como prática para a liberdade*, escrito pelo também educador brasileiro Paulo Freire e publicado em 1967 pela editora Paz e Terra. Trata-se de um livro que aborda nossa inexperiência democrática. Vivíamos – e vivemos – em uma cultura ainda da casa-grande, do senhorio dono de terras rurais e urbanas, dos desmandos e da violência como forma de controle e mediação social. Somos, mulheres e homens brasileiros, impregnados por um autoritarismo que, como nos diz Freire, afrouxa, diminui a nossa capacidade de decisão sobre a nossa vida e sobre a vida da coletividade.

As instituições no Brasil, ainda que certamente muito diversas, guardam traços autoritários fundados em uma profunda hierarquia de saberes, práticas e pessoas. Nos enganamos ao pensar que o retributismo e o punitivismo alicerçam apenas o sistema de justiça penal brasileiro – que ocupa o terceiro lugar no *ranking* mundial em números absolutos de mulheres e homens presos.

Penso que este livro deve ser visto com base amplo debate, pois retoma, pelo ângulo da mediação, a longa e permanente

tentativa de democratizar a educação no Brasil. As práticas de mediação na escola têm a qualidade de ser, por si sós, um fazer democrático e vivencial que pode contribuir com a construção de uma cidadania crítica, dialógica e menos violenta.

O seu livro, Maria Torremorell, é um convite prático para mergulhar nessa travessia em um barco denominado “mediação de conflitos”. Essa imagem é, para mim, precisa porque o destino da nossa rota é exatamente o aprofundamento da nossa experiência democrática – que deve se opor à punição e ao castigo como um método pedagógico em nossas unidades educacionais.

A mediação de conflitos por você descrita é profundamente pedagógica e ética. É também transformadora: no âmbito pessoal, relacional e social. Isso porque você nos aponta um horizonte amplo e muito maior do que a costumeira redução das práticas de mediação a uma simples técnica. O livro, em verdade, tem o grande mérito de apresentar, de forma detalhada e prática, um roteiro bastante completo para que os múltiplos sujeitos que ocupam as unidades educacionais reflitam sobre e implementem programas de mediação de conflitos. Contudo, você relaciona esse fazer a um conjunto principiológico comprometido com a nossa democratização – que tem como cerne homens e mulheres e, também, crianças e adolescentes, donos de seu destino, sujeitos conscientes de suas ações e capazes de exercitar a escuta e o diálogo como fontes preciosas de convivência.

Aprender fazendo, participar participando, dialogar dialogando, pacificar pacificando: são essas as práticas apontadas para construir um clima seguro de aprendizado para alunos, alunas, professores e demais trabalhadores e trabalhadoras das escolas. Há também algo muito interessante em sua obra: os caminhos que incluem uma prática cooperativa intergeracional. Entre os modelos de implementação de práticas de mediação na escola, ressalta-se aquele em que familiares, alunos e docentes, entre outros, integram conjuntamente um programa em posição de igualdade e cooperação. Ainda que digamos, hoje, que a criança

e o adolescente são sujeitos de direto, na prática há muito que caminhar. E este livro trilha essa direção.

Nesse contexto pandêmico que atravessamos – com tantas perdas, desordens e sofrimentos –, tem renascido, com força e grande polissemia, o debate sobre o papel da escola e os próprios contornos e desafios do nosso modelo escolar e de suas desigualdades e violências. Por isso, agradeço pelos aprendizados práticos e por me lembrar de que o mais importante, matéria-prima das práticas restaurativas, somos nós, pessoas, que devem ser tratadas com todo cuidado e dignidade.

Um abraço fraterno,

MARIANA PASQUAL MARQUES

Facilitadora de práticas restaurativas e coordenadora
do Centro de Direitos Humanos e Educação Popular
de Campo Limpo (CDHEP)

Apresentação

EMBORA A MEDIAÇÃO, como processo de gestão pacífica de conflitos, não tenha nascido na escola, quando entra no ambiente educacional se enraíza rapidamente graças ao seu enorme potencial pedagógico.

O objetivo da mediação escolar é contribuir para estruturar um clima de relacionamento construtivo, seguro e saudável, a fim de que todos possam experimentar a proteção e o afeto que lhes permitirão arriscar-se, dia após dia, a fazer algo que desconhecem, para aprender algo novo.

Assim, a incorporação da mediação ao plano de convivência da escola interfere na formação pessoal e social de cada aluno, como membro ativo e valioso da comunidade educacional, por meio do desenvolvimento de competências de relacionamento para toda a vida. Não à toa, são os próprios meninos e meninas, principalmente, que, envolvendo-se e demonstrando seu compromisso com o bem-estar comum, tomam as rédeas e assumem ou papel de mediadores na escola.

Porém, o mais notável da mediação talvez seja sua utilidade prática em curto prazo. Sem dúvida, ela é aplicada com sucesso à prevenção e à solução imediata de todos os tipos de problema, afastando os danos causados por conflitos ignorados, malcondicionados ou não resolvidos – e os episódios violentos que costumam gerar – e devolvendo ao ambiente a serenidade e a harmonia.

São incontáveis os estudos efetuados tanto na Espanha quanto internacionalmente que apresentam resultados altamente positivos

do investimento em mediação escolar, sejam referentes à pacificação do clima da instituição, ao aproveitamento do tempo escolar – com o conseqüente aumento dos resultados de aprendizagem –, ao desenvolvimento e à aquisição de múltiplas competências individuais, ao aumento da consciência de grupo, à solidariedade entre colegas, ao fortalecimento docente, à participação das famílias ou à prevenção da violência.

Por outro lado, percebe-se que um bom número de programas de mediação foi aplicado de maneira simplificada e precária e sustentado por uma formação elementar e recursos escassos. Limitam-se a um tipo de mediação *sui generis* muito diluída, que explora de maneira restrita esse mecanismo de gestão positiva de conflitos, o qual, além de resolver problemas interpessoais, deve educar e preparar as pessoas que dele participam para que sejam capazes de enfrentá-los em paz ao longo da vida.

Assim, neste livro, vamos acompanhar a mediação para que, além de ser levada à escola, ela se desenvolva ao máximo e cresça até alcançar plenamente seu verdadeiro potencial.

Começaremos expondo com rigor os fundamentos da mediação em geral. A seguir, exploraremos sua especificidade no contexto educacional, passando por seus diferentes ciclos (infantil, fundamental e médio) e fornecendo recursos práticos para sua aplicação na escola; encerraremos com um capítulo dedicado à formação de mediadores.

A primeira parte tem caráter introdutório e os conceitos abordados são comuns a qualquer tipo de mediação. São explorados a evolução, as características fundamentais e os elementos provenientes das correntes mais significativas, além de se apresentarem os diferentes campos de aplicação da mediação. Depois, descreve-se cada uma das fases do processo, destacando seus objetivos e aspectos cruciais, bem como as qualidades que os bons mediadores devem reunir.

O objetivo dessa parte inicial é apresentar a mediação ao indivíduos da esfera educacional (professores, famílias, alunos,

pessoal administrativo e de serviços) que, não sendo mediadores profissionais, desejem aproximar-se desse instrumento de gestão positiva da coexistência para colocá-lo em prática de modo amador. No entanto, deve-se notar que esse uso “natural” da mediação tem um valor incalculável como contribuição social para uma cultura enraizada na paz cotidiana, que luta, portanto, pelos direitos de todas as pessoas com recursos que permitem avançar para um mundo mais civilizado.

A segunda parte já se dedica à mediação na escola, destacando sua especificidade, não sem antes explorar a necessidade de haver um bom clima de convivência e apostar nas relações pacíficas na comunidade escolar. Essa segunda parte trata da aplicação da mediação à escola, esclarecendo seus objetivos, as etapas de sua implementação e os diferentes tipos de programas de mediação escolar existentes. Também são mencionadas as experiências de referência com alunos dos três ciclos, que podem ser inspiradoras e indicadoras de qualidade para avaliar a mediação na escola. Por fim, traça-se um roteiro para que se incorpore a mediação ao plano de coexistência da instituição e se visualizem os requisitos e as condições para seu sucesso.

A terceira parte é dedicada à capacitação de mediadores e mediadoras escolares, detalhando o plano de formação: objetivos, competências, conteúdos, metodologias, atividades, prática e avaliação. Sua finalidade principal é fornecer instrumentos às escolas que desejem implementar a mediação escolar. A formação contínua de mediadores e mediadoras é indispensável para uma mediação de qualidade, com a particularidade de que a passagem dos alunos pelo sistema educacional é sempre restrita a um intervalo de tempo e, portanto, os mediadores escolares devem ser renovados periodicamente.

PARTE I

A mediação como processo de gestão pacífica de conflitos

“A mediação é um processo imperfeito que utiliza uma terceira pessoa imperfeita para ajudar duas pessoas imperfeitas a chegar a um acordo imperfeito em um mundo imperfeito.”

LENARD MARLOW

1. Origens e propagação

A IMPLEMENTAÇÃO DA MEDIAÇÃO em qualquer contexto fica melhor quando se tem um bom conhecimento do sentido e do significado desse processo, de como surgiu e por que chegou aos nossos dias.

Ao determinar quando a mediação apareceu para gerir conflitos, a maioria dos autores reporta-se às origens da humanidade, já que onde há vida há conflito e, portanto, a necessidade de enfrentá-lo.

Considera-se em geral que a mediação surgiu simultaneamente em locais distintos do mundo como ritual para dirimir conflitos cotidianos na comunidade. A participação de uma pessoa respeitada como condutora do caso visa sempre a um fim duplo: garantir que a controvérsia seja amistosa e assegurar que a questão se resolva de maneira justa.

A primeira coisa que chama a atenção é, assim, a clara consciência e intenção da mediação de representar uma comunidade (não um indivíduo) que se mostra acolhedora e inclusiva com todos os seus membros e os protege perante qualquer circunstância ou dificuldade que a vida em comum possa implicar.

O segundo ponto a destacar seria, sem dúvida, o forte compromisso de quem assume a posição de mediador a fim de obter um bom acordo, isto é, uma saída para o conflito que satisfaça as necessidades de ambos os oponentes (não se trata de dar razão a uns ou outros ou tirá-la) e tenha consequências construtivas ao redor.